

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Diário da Manhã Class.: 07

Data: 24.09.80 Pg.: \_\_\_\_\_



Para o velho chefe Kraô, Agostinho Ribeiro, a história da Funai não está bem contada



Na casa do Índio, no Setor Pedro Ludovico, ninguém dava notícia da visita da Divisão de Medicina Legal

# Sem explicação a morte da Kraô

Maria da Silva, uma jovem índia Kraô de apenas oito anos, natural da aldeia Cachoeira, município de Itacajá, Norte de Goiás, morreu sábado, quando era transportada para Goiânia, a fim de prosseguir tratamento. Segundo Ivam Baiocchi, delegado regional da Funai em Goiás, Maria da Silva esteve internada vários dias em um hospital de Itacajá, e, como os médicos não conseguiram diagnosticar a doença, funcionários da Funai e parentes da doente resolveram trazê-la para Goiânia, mesmo contra os conselhos do médico que a assistia.

Conforme o registro de ocorrência feito pelo 1º DP em Goiânia, Maria teria morrido antes de chegar ao hospital. No atestado de óbito fornecido pelo delegado de plantão não consta **causa mortis** e a autoridade policial se limita a registrar que se tratou de "morte natural". Foi expedida, também pelo 1º DP, uma guia para exame cadavérico, por solicitação dos funcionários índios que acompanhavam o corpo. Apesar disso, a Divisão de Medicina Legal informa que não foi feito

qualquer exame do cadáver, nem mesmo autópsia, que seria o mais indicado, visto não ter se tratado de morte violenta.

Os índios que acompanharam Maria da Silva dizem que desconhecem a doença que a matou, mas explicam que "ela estava com privação da urina e fazendo muito cocô". Conforme o chefe Kraô, Agostinho Ribeiro de Souza, em Goiânia eles foram deixados na Casa do Índio, enquanto o corpo de Maria foi levado, pela Funai, "para um hospital, para organizar tudo". Ainda segundo Agostinho, o corpo da índia foi devolvido mais tarde, para o velório, e no dia seguinte — domingo — uma ambulância voltou para levá-lo ao cemitério. Messias, outro índio Kraô que veio acompanhando Maria da Silva, diz que no aldeamento de Cachoeira vivem cerca de 165 Kraô, e que no momento existem mais seis de seus companheiros doentes na aldeia, apresentando os mesmos sintomas do mal que matou a pequena Maria.

Os índios também não concordam com as justificativas de Ivam Baiocchi e dos funcionários da Divisão de Medicina Legal,

de que o exame cadavérico de Maria da Silva não foi feito porque seus companheiros se negaram a entregar o corpo aos peritos. Segundo Agostinho, os índios nem mesmo acompanharam a morta depois da visita ao 1º DP.

Ontem, ao ser procurado para esclarecer essas dúvidas, o delegado regional da Funai Ivam Baiocchi, mostrou-se irritado e disse aos repórteres não entender por que "tanto interesse por um caso tão corriqueiro". Justificou que o exame cadavérico não foi feito por ser absolutamente desnecessário, e que o corpo foi devolvido à aldeia, embora os índios afirmem que ele foi enterrado aqui em Goiânia. Diante da ponderação do repórter, de que talvez fosse importante uma autópsia, visto que os índios afirmaram existirem vários casos semelhantes na aldeia, o delegado lembrou que eles não são médicos e que, portanto, essas informações carecem de fundamentos. "Nossos funcionários lá são muito cuidadosos e, caso isto fosse verdade, teriam internado os outros, assim como internaram Maria da Silva", disse Ivam Baiocchi.